

POTENCIALIDADES DE INFORMAÇÕES EM OBJETOS TRIDIMENSIONAIS

POTENTIALITIES OF INFORMATION IN TRIDIMENSIONAL OBJECTS

Ediane Toscano Carvalho^a

Gilda Maria Whitaker Verri^b

Bruno Melo de Araújo^c

RESUMO

Objetivo: Identificar documentos que possibilitem potencializar informações sobre a coleção Maria dos Bichos no âmbito do acervo do NUPPO. Muitas instituições que custodiam bens materiais reduzem o conhecimento disseminado a partir da exposição visual, desconhecendo valores no processo de transformação em documentos. Dessa forma, questionamos se é possível reunir e articular diferentes suportes e dar qualidade aos objetos tridimensionais da cultura popular em especial os que fazem parte da coleção Maria dos Bichos, que integra o acervo do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular (NUPPO) com base em outros tipos de materialidades existentes no próprio acervo. **Metodologia:** Utilizamos como procedimento metodológico o levantamento de fontes acerca da temática abordada, assim como a coleta de dados apoiada em pesquisas na instituição e em ambientes virtuais. **Resultados:** localizamos fotografias e uma entrevista que servirão de instrumentos para realizar diversas atividades como exposições, e pesquisas em geral. **Conclusão:** Acreditamos que uma das ações que potencializam acervos de objetos tridimensionais, é a reunião de informações isoladas e desconhecidas que podem ser associadas com outras evidências e se relacionarem entre si. Assim, é possível ampliar valores, visibilizar, dar vida à coleção e à própria instituição.

Descritores: Objetos tridimensionais. Objetos museais. Objetos de Cultura popular. Coleção Maria dos Bichos.

^a Doutoranda em Ciência da Informação – UFPE. Docente no Departamento de Ciência da Informação – UFPB. Editora da revista Archeion Online. E-mail: tgcediane@gmail.com

^b Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Docente no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. E-mail: gmverri@yahoo.com.br

^c Doutor em Museologia e Patrimônio pela UNIRIO/MAST. Docente do Curso de Bacharelado em Museologia da UFPE. E-mail: bruno.meloaraujo@ufpe.br

1 INTRODUÇÃO

Ao despertar de um momento de inércia ante suas possibilidades do fazer, o ser humano cria sua extensão, os objetos, para realizar tudo o que ele não pode executar devido a restrições humanas. A partir da primeira ferramenta utilizada na realização de atividades domésticas, suas criações impuseram marcas e tornaram-se indispensáveis à sobrevivência, caminhando para um mundo de evolução sem volta, sempre em busca de adaptar e dar qualidade as atividades cotidianas.

As condições estabelecidas na relação homem e objeto conduziram a um novo tempo para a humanidade. Na compreensão de Miller (2013), esse produto cultural permitiu ao indivíduo produzir coisas com o objetivo de garantir sua longevidade e contribuir para a criação de regras e normas que têm a função de delimitar e dirigir as diferentes formas de vida em sociedade. O autor enfatiza que, nesse processo, é possível visualizar a objetivação entendida como um mundo material criado e moldado a partir da natureza e das relações sociais construídas desde a produção de coisas mais rudimentares até tecnologias avançadas.

É pertinente esclarecermos que os objetos considerados nesta pesquisa foram recolhidos e deslocados do seu contexto e de seu papel adquirido no ato de sua criação, para formar acervo em instituição pública. Por conseguinte, foram ressignificados, de acordo com as intenções institucionais. Baudrillard (1993), Miller (2013) e Geertz (2008), afirmam que, nesse processo, ocorre a mudança da função utilitária para a simbólica, a partir de atribuições de sentidos e significados vivenciados em uma relação inseparável com os seres humanos, portanto, propiciam transformações sociais em virtude de pertencerem a um meio cultural modificado com frequência. Na atuação simbólica, representam coisas e pessoas, e ao mesmo tempo, podem criar identidades, mediante um determinado contexto com base nas propriedades dinâmicas e interativas, isto é, mantêm laços de reciprocidade em um sistema cultural. Para tanto, os estudos sobre esses bens simbólicos podem explicar mudanças nas diversas culturas

que envolvem práticas entre o ser humano e o objeto, como produtos de um mesmo processo.

Verificamos que grande parte das instituições que custodiam artefatos, limitam-se à exposição visual, considerada por muitos como o objetivo básico. Porém é provável que exista no próprio acervo materiais não visíveis as visitas, que são elementos tangíveis constituintes de transformação em documentos que informam, comunicam e disseminam conhecimentos. Desse modo, merecem ser visibilizados.

Os estudos sobre objetos têm se intensificado nas últimas décadas a partir do reconhecimento da cultura material como forma de perceber a participação indissolúvel nas construções culturais devido à própria dinâmica da evolução histórica da humanidade no contexto de ações, relações e integrações.

Nesse contexto, trazemos o caso do acervo de objetos tridimensionais do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular (NUPPO), como referência para outras instituições semelhantes, em especial os museus, com a finalidade de perceber nos seus acervos as possibilidades de contribuição social.

Diante disto, a questão problema elaborada para este artigo se configura no seguinte: é possível acessar outros suportes desconhecidos aos objetos tridimensionais da cultura popular em especial os que fazem parte da coleção Maria dos Bichos e que compõem o acervo do NUPPO? Entendendo que desde a entrada do artefato na instituição há viabilidade de produzir novas reflexões e dar qualidade aos serviços oferecidos. Portanto, a pesquisa tem como objetivo geral: Identificar documentos que articulem diferentes sentidos e significados ainda não observados, estudados ou reconhecidos a coleção Maria dos Bichos no âmbito do acervo do NUPPO.

Utilizamos como aporte teórico o olhar sobre o documento enquanto fonte que gera conhecimento, abordada por Paul Otlet (2018), Suzanne Briet (2016) e Michael Buckland (1991, 1997), associado ao conceito de musealização que, no âmbito do museu, pode ser vivenciado a partir da perspectiva infocomunicacional apresentada por Loureiro (2012).

Adotamos ainda Geertz (2008), como um dos autores que estudam bens materiais como uma teia de significados que interagem em recíprocas relações

sociais a partir do sistema de símbolos. Complementamos com Jean Baudrillard (1993), e seu sistema de objetos, ao considerar que os artefatos adentram acervos institucionais por sua posição de bens culturais simbólicos, ao deixarem a sua função utilitária.

Nessa fase institucional, podem agregar-se a outros artefatos a partir do registro e organização com o propósito de facilitar o acesso. Em instituições museais, esse processo de agrupar documentos é denominado de Documentação museológica, conceito abordado neste texto a partir de Ferrez (1991) e Loureiro (2008a).

O procedimento metodológico consiste no levantamento de registros fundamentados na temática de investigação e na coleta de dados com base nas pesquisas no próprio NUPPO e em outros ambientes virtuais.

É estimulante vislumbrar que os objetos tridimensionais de cultura popular, em especial os que, fazendo parte da coleção Maria dos Bichos, podem com base em novos elementos, dar visibilidade a outras leituras, construir novas singularidades e permitir aos visitantes superar a sua função de fruição.

2 OBJETOS TRIDIMENSIONAIS E SUA TRANSFORMAÇÃO EM DOCUMENTOS

A evolução do homem está intrinsecamente relacionada com coisas materiais, a forma desta materialização pode ser denominada de: produto, suporte, bens, artefato, peça, objeto, documento e outros. Consideramos o termo objeto tridimensional para se referir a uma materialidade que tem forma em três dimensões, e assume diversas funções para o qual foi criado. A escolha dessa denominação está baseada em Otlet (2018) quando considera objetos tridimensionais tudo que tenha caráter representativo com referência a três dimensões e, em alguns casos, quando aparecem em movimento.

São perceptíveis os inúmeros tipos de objetos produzidos ao longo do tempo, dos mais primitivos e rudimentares aos mais sofisticados. Desde as primeiras criações, existe a necessidade de garantir a sua funcionalidade. A cada estágio de vida desses instrumentos ocorrem mudanças e transformações, de acordo com a sua condição tangível, simbólica e informacional, levando-os a

vencer o tempo e permitir a reconstituição da história ao eternizar experiências construídas nas relações sociais.

Diante das frequentes mudanças e inovações da vida em sociedade, os referidos bens culturais são definidos, classificados e conferidos outros sentidos. Com esse entendimento, Baudrillard (1993, p. 94), considera duas funções aos objetos, “uma, que é a de ser utilizada; a outra, a de ser possuída”, ou seja, inserido em uma dimensão do campo prático, utilitário, e por outro lado, em uma dimensão subjetiva, simbólica, abstraindo a sua qualidade de uso.

Leitão e Pinheiro-Machado (2010) apresentam três classificações, objeto testemunha, objeto signo e objeto construtor para esclarecer a cultura material¹ como elemento intrínseco no processo cultural. Para tanto, as autoras buscaram nos estudos de Laurier Turgeon quatro fases pelas quais passam os objetos com base nos momentos históricos e em correntes teóricas diferentes. Na primeira fase, ele utiliza o objeto testemunho; na segunda, objeto signo; na terceira, o objeto social, e na quarta o objeto memória. Além destas, Leitão e Pinheiro-Machado (2010) também identificam como importante para a análise, a classificação elaborada por Johannes Fabian que atribui aos objetos duas categorias: a *material culture old style* e a *material culture new style*.

A partir da verificação investigativa, Leitão e Pinheiro-Machado (2010), observaram que é possível fazer a junção das classificações apresentadas por Laurier Turgeon e Johannes Fabian, definindo-as em objeto testemunha, objeto signo e objeto construtor. A partir desta análise, a classificação de Johannes Fabian está inserida na categoria objeto testemunha; por sua vez Leitão e Pinheiro-Machado (2010) não distinguem objeto social e objeto memória, de Laurier Turgeon; as autoras congregam estas duas categorias em uma nova, denominada de objeto construtor.

Para melhor entendimento, as referidas autoras explicam que: a) objeto testemunha é visualizado como um documento capaz de comprovar a verdade de que, ao serem coletados e organizados, transformam-se em testemunho da

¹ Termo adotado na antropologia para se referir a todas as coisas materiais produzidas nas relações sociais. Sujeito e objeto são inerentes à cultura compondo a cultura material. (MILLER, 2013).

evolução da humanidade, se desmaterializam, saem do contexto original, perdem sua especificidade e passam a ser artefato etnográfico; b) objeto signo carrega sentidos e significados podendo ser representado, e com função enunciativa, pode ser lido, interpretado, codificado; c) objeto construtor é compreendido a partir de sua atuação na sociedade onde pode ser utilitário para diversas funções. (FABIAN, 2004 *apud* LEITÃO; PINHEIRO-MACHADO, 2010).

O nosso interesse não é aprofundar o entendimento das categorias acima apontadas, todavia é significativa a compreensão de que a cultura material pode ser entendida a partir de diferentes classificações demonstradas nas múltiplas funções. Esta perspectiva estimula o diálogo sobre objetos tridimensionais vivenciados na Ciência da Informação e na Museologia.

Adotamos a prioridade para a percepção do objeto enquanto documento, entendendo que na sua transformação ele se torna informacional e disseminador de conhecimentos. Para tanto, apresentamos o ponto de vista com base em Otlet (2018) por ter desenvolvido sua ideia alicerçada na possibilidade de ampliar o conceito, tendo em vista que, na época da trajetória profissional do referido autor, o termo o qual evidenciamos, era reconhecido como registro apenas na forma escrita e textual. Paul Otlet centrou esforços no fato de inserir qualquer objeto, como o bidimensional e o tridimensional, produzido pelo ser humano, ou encontrado na natureza, com a função de provar acontecimentos e, portanto, serem instrumentos de diversas investigações. Ao mesmo tempo, percebeu que era possível centralizar e comunicar todos os registros produzidos no mundo todo, favorecendo rapidez na circulação e disseminação de tudo que era publicado.

Com vistas a construir um conceito muito mais epistemológico, adotando a concepção de objeto como símbolo, Briet (2016) em consonância com a proposta de Paul Otlet, considerou como documento qualquer índice concreto ou simbólico, preservado e registrado para representar, reconstituir ou demonstrar um fenômeno físico ou intelectual. Isto é, qualquer coisa viva, a exemplo de um animal, desde que reconhecido mediante um contexto específico. Desse modo, Briet (2016) estabeleceu como exemplo a trajetória de um animal por nome: antílope.

De acordo com sua concepção, o antílope, estando em seu ambiente de origem, sem ser percebido, ele se apresenta como um ser vivo no seu ambiente natural, mas a partir de sua captura e encaminhamento para um zoológico é possível perceber a produção de vários tipos de registros sobre o mamífero. Por exemplo: elaboração de notícias em jornais e revistas, fotografias, estudos de pesquisas científicas e, em caso de empalhamento, o animal pode ser encaminhado para um museu. Com isso, Briet (2016) indica que, para ser uma peça que produz conhecimentos, deve haver uma intencionalidade, materialidade e organização em um sistema.

Um dos autores contemporâneos que revisitaram a abordagem Otlet-Brietianna foi Michael Buckland que, a partir de suas experiências como bibliotecário, e pesquisador sobre a temática, percebeu que, para ser considerado um documento, é preciso que ele tenha materialidade, intencionalidade e deve ser processado e percebido de uma forma fenomenológica. (BUCKLAND, 1997). Ele interpreta qualquer coisa como evidência de uma realidade, fonte material que têm forma e substância, reconhecendo que, enquanto fruto de um processo cultural, pode ser transformado e transformar as ações humanas. Para tanto, identificou que é possível compreender a informação com base em três situações: como processo, conhecimento e coisa. (BUCKLAND, 1991).

Fundamentado na sua abordagem, documento é um bem material, tangível e cultural que pode expressar algo, a partir da intencionalidade de quem está percebendo, ou seja, inserido em determinadas relações sociais e culturais. A intenção neste caso será sempre de informação que atende às demandas específicas de cada público. Pode ainda ser visto na perspectiva de um produto físico, virtual e simbólico, produzido a partir da atribuição de valores em um processo intencional que, ao serem registrados e ressignificados, permitem comunicar, informar e disseminar o conhecimento. Entendendo que registrar concretiza, evidencia e prova uma determinada realidade que permite passar fatos e acontecimentos, dependendo de critérios estabelecidos a priori, verificados a partir da intencionalidade informacional de quem está percebendo.

A condição simbólica do objeto atrelado à ação de esclarecer algo a alguém, proporcionou ampliar a visão sobre os acervos constituintes em instituições museais, de modo a considerá-los não só instrumentos de preservação e exposição visual, mas com a viabilidade de múltiplos papéis, que, por sua vez, demandam ações para gerir, documentar e contribuir com as funções sociais atribuídas aos museus e instituições semelhantes. Tornam-se instrumentos de memória, testemunhos de realidades, comunicativos e informacionais e apesar de mudarem seu status de origem para um novo status, continuam sua trajetória vivenciada por outras situações que, sendo bem explorados, podem ser fontes inesgotáveis de conhecimentos.

Os artefatos são adquiridos para compor coleções de museus com base em atividades de compra, doação, permuta, ou coleta espontânea ou intencional, dessa forma, é indicada a adoção de práticas curatoriais que agrupam ideias diversas sobre suas potencialidades e singularidades a partir de atividades técnicas, operacionais e específicas que controlam e gerenciam o acervo e, sobre o acervo, permitindo a segurança e a preservação, além da organização, recuperação e acesso, dependendo do estado físico digital ou virtual.

Esse processo é identificado na museologia como musealização, denominado por Menezes (1992, p. 111) como “a transformação do objeto em documento”, a partir da reunião de fatos significativos sobre o acervo. Ademais, esses bens materiais transformam-se em “testemunho de determinada cultura e sociedade”, sendo “salvaguardado, pesquisado e comunicado”, legitimando-os ao status de patrimônio. (JESUS, 2014, p. 102).

Ampliando essa perspectiva, são produzidas nesse processo, ações de atribuição de sentido e significado que constituem um “conjunto de processos seletivos de caráter infocomunicacional baseados na agregação de valores a coisas de diferentes naturezas às quais é atribuída a função de documento, e que por esse motivo tornam-se instrumento de preservação e divulgação”. (LOUREIRO, 2012, p. 62).

De acordo com Loureiro (2012), Brulon (2018) e Araújo (2018), musealizar é uma constante incorporação de valores que não dependem do tipo de objeto, pois adiciona, na cadeia operatória, uma reflexão informacional e

comunicacional, considerando que tudo que é musealizado torna-se documento a ser explorado.

Podemos inferir que preservar, comunicar, informar e disseminar conhecimentos são ações basilares para o desenvolvimento de diversas atividades nas instituições museológicas, como também em outros locais de características similares. Historicamente, esses ambientes surgiram da necessidade, do ser humano, de conhecer o seu passado, a sua história a partir da coleta e armazenagem de bens culturais e simbólicos que contribuem para perpetuar memórias que modificam formas de viver em sociedade.

3 OBJETOS TRIDIMENSIONAIS: DOS ASPECTOS SIMBÓLICOS AOS DOCUMENTAIS

Vencer o tempo e servir como um recurso que permita contextualizar a história em diferentes espaços são algumas características encontradas nos objetos, desde que sejam preservados, conservados e entendidos de forma caleidoscópica em relação às suas funções e significados, tendo em vista estarem inseridos em uma relação dinâmica e interativa com o ser humano e com tudo aquilo que interage nas relações sociais e culturais.

Muitos objetos deixam a função de uso do cotidiano em razão de sua substituição por outros de tecnologias mais avançadas, passando para uma nova dinâmica. Assim sendo, podem ser constituídos de diversos papéis diferenciados da função original, porém não deixam de ter sentido e significado por suportar expressões simbólicas.

Enquanto produtos culturais, variam de funções de acordo com seu estado físico, com o local, tempo e uso, dessa forma, dependendo da situação, tornam-se obsoletos, esquecidos, descartados ou são reciclados a partir da transformação em novos produtos. Mas também podem ser reconhecidos como *souvenirs*, isto é, artigos vendidos em ambientes turísticos, ou objetos de devoção a santos a partir de imagens religiosas. Servem ainda para decorar ambientes ou trazer lembranças de um momento vivido. Custodiados em museus, assumem funções de instrumentos que elucidam acontecimentos, preservam a memória de determinada cultura, entre tantas outras possibilidades.

Diante do exposto, é inegável o entrelaçamento social e cultural em que os objetos são produzidos, utilizados, transformados. Geertz (2008) considera a cultura material vinculada a uma teia de significados que interage com os seres humanos de maneira recíproca, formando um sistema de símbolos que mudam de *status* com base em classificações advindas do processo cultural. Entendendo que um símbolo pode ser um objeto, um acontecimento ou qualquer evidência que represente algo atribuído em sociedade.

Os sistemas de símbolos “representam as fontes extrínsecas de informações”, pois estão “fora dos limites” de um organismo, “fornecem um diagrama, um gabarito em termos do qual se pode dar forma definida a processos externos a eles mesmos” (GEERTZ, 2008, p. 68). Constituem padrões culturais, ou “sistemas complexos de símbolos” de determinados contextos sociais que permitem modelar comportamento e ações humanas. A acepção de modelagem é o da aplicação de um padrão, desse modo, um conjunto de símbolos em ação com outros, modela as relações as quais estão sendo construídas, ao mesmo tempo, que estimulam a formação de novos símbolos e, como consequência, de novos sistemas.

Neste processo de interação, os bens materiais servem para estabelecer um processo dinâmico, transformando a função utilitária, mercadológica em valor simbólico como resultado de um emaranhado de situações frente às necessidades sociais, como é o caso do desenvolvimento tecnológico. (BAUDRILLARD, 1993). Miller (2013) também expressa que a cultura material é a extensão humana, pois exerce influência na formação de novos significados, sejam individuais, coletivos ou institucionais.

Em meio ao processo de significação, Baudrillard (1993) considera que no reino do signo, os objetos adquirem outras características além da representação, isto é, da comunicação². Com a ausência da comunicação, os objetos perdem o sentido no processo da narrativa construída em um acervo custodiado por uma instituição que tem as mesmas características do museu. A

² Para comunicação e museu ver: Lima (2010, p. 17).

significação define o estatuto e o que é comunicado no processo de trocas simbólicas.

Essa assertiva é verificada ao reconhecermos que as conquistas referentes à construção do conhecimento humano e a todo um processo de evolução ocorrido desde os primeiros registros orais e materiais, correspondem aos desafios de aproveitamento da cultura material, que retratam as práticas do cotidiano de determinado grupo social e possibilitam que as gerações futuras possam conhecer o seu passado, entender o presente e promover modificações para o futuro.

Todavia, para que esse processo se torne efetivo, faz-se necessário que sejam conservados, preservados e disponibilizados, para estabelecer a relação passado, presente e futuro. Sabendo que, como admite Menezes (2007), é no tempo presente que são construídos os valores e as funções de determinado bem cultural, dessa forma, pode ser considerado objeto como portador de sentido.

Atribuir novas funções simbólicas é uma das funções principais existentes no deslocamento dos objetos de um universo cultural para outro, ou seja, quando são percebidos intencionalmente e coletados ou recolhidos de seu ambiente de origem para fazer parte de acervos institucionais, passam a integrar o campo do simbólico pelo seu caráter representativo de determinada cultura e instrumento que interage em contextos sociais.

Nessa condição, entendemos que esses bens culturais, estando na condição de objeto-documento, demonstram características de durabilidade com a possibilidade de expressar realidades e reconstituir a história de uma cultura, eternizando experiências, a partir da atribuição intencional de nova função, sentido, significado e valor. Tais intenções surgem de demandas advindas de necessidades culturais em determinado contexto social.

Na concepção de Menezes (2007), o acúmulo de experiências do observador reflete no processo imaginário e na ação criadora de significados, ou seja, a cultura material será instrumento de reflexão, se houver um estímulo de compreensão de um universo a ser explorado. Ressaltamos que, de acordo com o entendimento defendido por Baudrillard (1993), os objetos muitas vezes

superam as expectativas de uso de funcionalidades, assumindo por exemplo, a função de instrumento mediador e mobilizador na dinâmica das relações sociais e culturais quando estão custodiados em instituições.

Destacamos que os museus são instituições responsáveis pela custódia de artefatos, portanto, reconhecidos como lugares sociais com potenciais de disseminar informações a partir da ressignificação e recontextualização dos seus acervos.

Nascimento Júnior e Chagas (2006, p. 11) estabelecem três finalidades para essas instituições: a) “casas de memória” [...] podem ser “acionados visando o desenvolvimento de ações de preservação e criação cultural e científica”; b) “lugares de representação” onde se pode “teatralizar o universal, o nacional, o regional, o local, o étnico e o individual” e c) “espaços de mediação ou de comunicação” onde se disponibilizam “narrativas menos ou mais grandiosas, menos ou mais inclusivas para públicos menos ou mais ampliados”. Cabe destacar que a responsabilidade sobre os vestígios culturais vai além da sua custódia, aponta para expansão de atuações no que se refere ao tratamento que conduz à formação de símbolos ilimitados na sua forma de disseminar ideias que possibilitam gerar novas perspectivas e ampliar a função institucional de preservação e contemplação.

O Código de ética do ICOM defende que essas instituições

[...] têm o dever de adquirir, preservar e valorizar seus acervos, a fim de contribuir para a salvaguarda do patrimônio natural, cultural e científico. Seus acervos constituem patrimônio público significativo, ocupam posição legal especial e são protegidos pelo direito internacional. A noção de gestão é inerente a este dever público e implica zelar pela legitimidade da propriedade desses acervos, por sua permanência, documentação, acessibilidade e pela responsabilidade em casos de sua alienação, quando permitida. (ICOM, 2011).

É no compromisso de ações produtoras de informações estabelecidas no momento presente que se pode ampliar uma determinada investigação e permitir que sejam criadas condições para dar qualidade aos acervos museais com vistas ao processo de musealização quando da busca de elementos que integram um conjunto de artefatos sobre um patrimônio cultural de uma instituição.

A musealização assume o caráter social, em especial como forma de refletir a sociedade e suas práticas em decorrência das possibilidades de

ressignificação simbólica para atender aspectos de uma preservação³ dinâmica onde as intervenções humanas permitem que a significação atribuída às coisas musealizadas sejam intensificados a partir da compreensão de que são portadoras de informação e comunicação.

Admitimos que a incorporação de outros documentos que possam aumentar a relevância patrimonial de um objeto ou acervo, contribui para ressignificação e valoração, assim como para servir de motivos que levam à seleção, custódia e à implementação de diálogos com a missão institucional. Tal procedimento está ligado com as ações vinculadas ao objeto enquanto documento. O termo utilizado na museologia se refere à Documentação. Cabe destacar que é um termo bastante mencionado no cotidiano, porém existem singularidades no seu uso que remetem a concepções específicas em algumas áreas, como a Ciência da Informação e a museologia, e, ao mesmo tempo, é o termo que confere uma ligação entre os referidos domínios.

Cabe aqui destacarmos a categoria Documentação Museológica para tratar do conjunto de informações de acervos em museus e instituições semelhantes. Ferrez (1991), considera que é necessário reunir dados esclarecedores sobre cada item incorporado em uma instituição museal, a partir da representação escrita e por meio de imagem. Considera como um sistema de recuperação capaz de transformar os suportes materiais em fontes de pesquisas.

Para Loureiro (2008b, p. 104) a Documentação Museológica “não é fim, mas meio,” pois é com base nela que se podem localizar os artefatos, recuperar aspectos intrínsecos e extrínsecos, controlar os deslocamentos internos e externos em caso de exposições. Caracteriza-se como um trabalho adicional para os objetos se tornarem “mais móveis e mais combináveis”, que permite

³ Uma das funções atribuídas aos objetos é a de preservação da memória, tendo em vista possibilitar lembranças do passado, das origens, e reconstituir a história a partir de uma necessidade do presente (MENEZES, 2007). Preservar em museus permite constituir práticas que se faz relevante, pois Ferrez (1991, p. 7) alerta que “A destruição das informações, sobretudo as de natureza extrínseca, quaisquer que sejam as causas, pode significar a perda definitiva e irreparável da história dos objetos”. A necessidade de preservação está vinculada à própria natureza do homem. Em ambiente físico os objetos enfrentam desgastes ou situações que incorrem na sua perda total ou parcial, como incêndios, enchentes, desgastes, pragas, entre outros.

estabelecer ligações até então “impensadas e impossíveis”. (LOUREIRO, 2008b, p. 110).

O referido conceito, legitima a ação de documentar, a qual se refere à “elaboração e implantação de processos analíticos, representacionais e sistêmicos em que os fluxos aleatórios de saberes encontram eixos estruturantes para que possam produzir sentido”. (LOUREIRO, 2008b, p. 24). Tais operações são desenvolvidas como o auxílio de aplicações metodológicas apropriadas a cada instituição que incluem, dentre outras atividades, a atribuição de valor evidenciada desde a seleção. Assim sendo, fazem parte do processo de musealização não se restringindo aos procedimentos mecânicos de registrar os aspectos intrínsecos do objeto, pois são incorporadas pesquisas sobre o artefato que apoiam na identificação, contextualização e permitem individualizar cada item de uma coleção.

As referidas ações podem ser atualizadas com frequência, desde que seja percebida a necessidade de efetivar atividades de controle e agregação de diversos documentos que advenham do ambiente interno e externo à instituição. Entendendo que qualquer dado sobre um artefato deve ser registrado como forma de se correlacionar entre si e apoiar as demandas de recuperação da informação, assim como, facilitar a realização de atividades futuras como: educativas, expositivas, de curadoria, pesquisa, entre outras.

A Documentação museológica é uma ferramenta de interesse para a gestão da instituição, dessa forma, administrar um acervo com qualidade, representa a possibilidade de compartilhar um sistema de gerenciamento de dados que integra todo o acervo de objetos tridimensionais com outros tipos de materiais, objetivando reunir e possibilitar a sua visibilidade com rapidez, eficiência e eficácia.

4 POTENCIALIZAÇÃO DOS OBJETOS TRIDIMENSIONAIS DA COLEÇÃO MARIA DOS BICHOS DO NUPPO

Os objetos da Coleção Maria dos Bichos estão localizados no acervo do NUPPO, órgão suplementar da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), vinculado à Coordenação de Extensão Cultural (COEX) que, por sua vez, é

subordinado à Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários (PRAC), com sede no campus I, localizada na cidade de João Pessoa, Paraíba.

Em 1978 na gestão do então reitor Lynaldo Cavalcanti (1932-2011)⁴, o NUPPO foi criado concomitante com outros quatro Núcleos de Pesquisa e Extensão, tais como: Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR), Núcleo de Teatro Universitário (NTU), Núcleo de Documentação Cinematográfica (NUDOC) e Núcleo de Arte e Cultura (NAC), conforme Resolução n. 15/79 do CONSEPE. Em 23 de janeiro de 1980 a Resolução n. 06/80 do CONSEPE, cria o NUPPO e seu regulamento. A homologação se deu a partir da Resolução n. 31/80 de 25 de janeiro de 1980.

Considerado um dos primeiros espaços na Paraíba, dedicado aos estudos sobre Cultura Popular, foi instituído com a finalidade de promover a “integração sistemática do estudo e da pesquisa da cultura popular, através de equipes multidisciplinares constituídas por servidores, docentes e alunos da Universidade”. Tem como objetivo registrar, preservar e promover as diversas manifestações literárias, bem como do folclore regional nordestino. (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, 1980).

É composto de um acervo diversificado como os audiovisuais, fotografias, objetos tridimensionais da cultura popular que correspondem a artesanatos decorativos em cerâmica, louças, ex-votos (objetos de promessas para santuários), brinquedos populares (em lata, reciclado, em madeira), Lamparinas, máscaras de carnaval, tapeçaria, bordados, crochês, labirintos, bonecas de pano, bonecos de Cavalo Marinho, bonecos de Bau Bau, indumentárias de lapinhas, objetos decorativos, utilitários e de arte. Também contempla uma biblioteca denominada Altimar Pimentel, que contém livros, periódicos, folhetos de cordéis e outros, além de uma galeria para exposições de suas próprias peças.

⁴ Professor Catedrático da Escola Politécnica de Campina Grande da Universidade da Paraíba - de 1957 a 1961. Diretor da Escola Politécnica de Campina Grande da Universidade da Paraíba - Com dois mandatos: 03/01/64 a 03/01/67 e de 17/03/67 a 17/03/71. Professor Titular do Departamento de Engenharia Civil do Centro de Ciência e Tecnologia do Campus II da UFPB no período de 1967 a 1984. Reitor da UFPB, nomeado em 24/12/1975, e mandato de 13/02/76 a 13/02/80. Disponível em: <https://www.ufpb.br/ufpb/contents/paginas/reitores/lynaldo-cavalcanti-de-albuquerque> e <http://centrodememoria.cnpq.br/lynaldo-cavalcanti.html>

Uma instituição seja de memória, cultural ou histórica e reconhecida por exercer importante papel na sociedade, pode se tornar um espaço isolado quando os objetos se encontram obsoletos. De acordo com o objetivo principal de criação do NUPPO, a coleção foi formada com o intuito de preservar a cultura popular nordestina, em especial da Paraíba, pois face às ameaças de mudanças culturais a partir do rápido e emergente desenvolvimento da sociedade causada pela aceleração tecnológica e pela integração global das nações em todo o mundo, existia naquele momento, a ideia de que poderia ter como consequências modificações culturais possíveis de alterar a forma de vida das pessoas. Um reflexo imediato seria a extinção dos objetos de uso do cotidiano, principalmente aqueles que eram produzidos manualmente de matéria prima como o barro.

Diante desta missão social aplicada ao NUPPO, possibilitamos a inserção de novas perspectivas de análise aos objetos tridimensionais da coleção Maria dos Bichos ao reunir documentos e facilitar a visibilização de informações existentes sobre esses artefatos com a finalidade de atender demandas do público visitante ou pesquisadores de interesse na área.

Em relatos orais, nas visitas realizadas ao acervo, constatamos que a Coleção foi institucionalizada nesse espaço em 1978 a partir da descoberta da artesã pelo pesquisador, professor e admirador da cultura popular Osvaldo Meira Trigueiro, atualmente aposentado como docente pela UFPB que na época atuava como coordenador do Setor de Folkcomunicação e em seguida do NUPPO. Ele foi um dos fundadores do curso de Comunicação da mesma instituição e integrou a Comissão de implantação do referido curso em 1977.

A denominação Maria dos Bichos deve-se ao fato de a artesã por nome Maria Santana (*In memoriam*) ter ficado conhecida na região devido a sua produção e venda de animais de barro em feiras na cidade de Patos, os quais ganharam o gosto de crianças e adultos. A artesã morava, na década de 1970, na cidade de Patos, localizada na Paraíba, Nordeste do Brasil, que compreende um clima seco, onde boa parte da população dessa região vivia em instabilidade financeira. Esta era a condição de Maria Santana que dependia da agricultura para sobreviver e, nos períodos de seca, vendia sua arte para a compra de

alimento que amenizava a sua fome. Esse breve contexto indica que a arte de Maria dos Bichos sobreviveu ao tempo, e hoje permite contextualizar histórias e acontecimentos de um momento passado. No acervo do NUPPO, a coleção Maria dos Bichos compõe oitenta e seis objetos que estão localizados na sala reserva em estado de conservação razoável.

Por se tratar de uma coleção que em décadas passadas se destacou pelo seu aspecto de originalidade da arte, é pertinente reunir todos os documentos relacionados entre si que existem no âmbito da instituição e em ambiente externo que pode ser identificado por meio da internet com o objetivo de compor o maior número de registros sobre o artesanato e a artesã.

Durante as pesquisas no Núcleo, identificamos em um arquivo de aço, fotografias que foram tiradas aproximadamente no início da década de 1980. A autoria das imagens é de Oswaldo Meira Trigueiro que na época participava de pesquisas sobre as diversas manifestações culturais da Paraíba.

De acordo com relatos dos funcionários durante as visitas, identificamos que o arquivo de fotografias foi organizado a partir de um projeto de extensão realizado no ano de 2016 que promoveu o tratamento de todas as fotografias a partir da seleção, reunião daquelas que estavam dispersas e a classificação de acordo com o significado e temática de cada uma, apesar de poucos recursos disponíveis para uma organização de acordo com a especialidade e singularidade do acervo.

Localizamos em uma pasta nomeada como “Artesã Maria dos Bichos” diversas fotografias de exposições realizadas sobre a coleção, peças individuais e da própria artesã. Uma das fotografias que nos chama a atenção foi a foto de Maria dos Bichos que tem no fundo a sua residência, representando uma paisagem seca que remete a uma condição de vida simples e sofrida.

Figura 1 - Foto de Maria dos Bichos em sua residência



Fonte: Acervo do NUPPO.

Esta imagem é evidenciada por reconhecermos a importância deste tipo de vestígio material que apresenta de forma visual características extrínsecas sobre o determinado objeto, a partir de aspectos vinculados ao seu criador. Afinal são fontes que expressam o seu conteúdo, eternizando acontecimentos, servindo como prova de algo e sobretudo como informação. Nesta imagem é possível perceber uma impactante condição de vida cotidiana e aspectos singulares da artesã Maria dos Bichos, além de servir para inúmeras interpretações.

Outro bem material que pode ser vinculado à Documentação, é a cópia da apresentação de uma exposição realizada em 30 de janeiro de 2000 no Centro Cultural de São Francisco em João Pessoa, de curadoria de Gabriel Bechara Filho que tem como tema: Maria dos Bichos - retrospectiva (acervo NUPPO). Associada ao documento, encontra-se a transcrição de uma entrevista realizada por Oswaldo Meira Trigueiro a Felismina Santina da Conceição - irmã de Maria dos Bichos - em 14 de setembro de 1977 na cidade de Patos. O depoimento foi gravado em fita K7, ferramenta tecnológica utilizada na época.

No texto, consta que a transcrição faz parte de uma série, denominada Série Depoimento n. 1, realizada na década de 1980 quando a sede do NUPPO era instalada em um prédio na Praça Rio Branco em João Pessoa. O depoimento foi transcrito por Maria Rosa de Faria Neves, funcionária aposentada da UFPB,

que atuou no NUPPO. A transcrição fez parte de uma exposição com data não identificada, porém deduzimos que tenha ocorrido na década de 1980 ou 1990.

Em pesquisa na internet sobre a artesã, essa mesma entrevista está publicada pelo Laboratório de Estudos Etnomusicológicos – LABEET do Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA) da UFPB⁵, com base no Projeto de Disponibilização do Museu de Cultura Popular (PDMCP)⁶. Cabe destacar que a entrevista digitalizada não está em nenhuma página gerenciada pelos funcionários do NUPPO, fato que abre espaço para questionamentos sobre a forma de tratamento da coleção estabelecida nas práticas desenvolvidas na instituição.

Esses suportes fazem a diferença quando tratados como instrumentos que correlacionam os objetos da coleção Maria dos Bichos e podem estar de fácil acesso aos visitantes. Pelas características simbólicas, os artefatos em museus se transformam em múltiplas possibilidades de pesquisas pela sua condição de documento possível de produzir conhecimentos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto, esta temática se constitui como terreno fértil para pesquisas sobre a cultura material e sua relação com a Ciência da Informação e a Museologia. Assim, os acervos inseridos em instituições semelhantes aos museus, cada vez mais estão sendo instrumentos agregadores para ações interdisciplinares.

Os objetos tridimensionais fruto de nossa investigação, fazem parte de um contexto simbólico que se transforma em documento ao representar, testemunhar, comunicar e informar fatos e acontecimentos indissociáveis de sua compreensão, para tanto, são instrumentos que permitem construir e transformar determinadas situações inseridas nas relações sociais e culturais.

Uma das observações levantadas, se relaciona com o processo de Documentação, pois apesar de as fotografias estarem reunidas e organizadas,

⁵ Ver: <http://www.ccta.ufpb.br/labeet/contents/paginas/acervo-pdmcp/maria-dos-bichos>

⁶ Ver: <http://www.ccta.ufpb.br/labeet/contents/menu/acervos/acervo-pdmcp>

encontram-se de forma isolada, dificultando a realização do tratamento técnico de maneira sistêmica em um instrumento de recuperação que visibilize a sua conexão imediata com a coleção. Da mesma forma, encontramos a entrevista transcrita e impressa em uma cópia da apresentação de uma exposição realizada pelo NUPPO, como também na forma virtual, depositada em uma página da internet, que, embora seja da UFPB, está fora do âmbito do NUPPO. Contudo, as referidas fontes não estão devidamente registradas na Documentação Museológica e relacionadas com o acervo da coleção Maria dos Bichos.

Os casos apresentados indicam que é possível atender diversas demandas do público visitante e conhecer as características culturais do local de origem onde o objeto foi produzido, apesar desses dados não estarem visíveis nos aspectos tangíveis dos artefatos. Ademais, permite visualizar a condição de vida da artesã, exposta na imagem fotográfica.

Ao reconhecer a importância de acervos de objetos tridimensionais da cultura popular, verificou-se que é pertinente reunir diferentes registros que estão isolados, desconhecidos e ao mesmo tempo associá-los com todas as evidências que se relacionam entre si. A partir dessa operacionalização, é exequível ampliar os sentidos, significados e valores que deverão ser elementos de novas atribuições aos artefatos, como também visibilizar, dar vida à coleção e à própria instituição, porém é preciso que seja efetivado o processo de qualidade com ações para sistematizar todos os dados identificados.

A Documentação Museológica permite compreender e controlar um determinado conjunto de objetos institucionais a partir da realização de práticas de registro que apoiam ao atendimento das demandas referentes à recuperação das necessidades informacionais, tornando-se uma atividade basilar no processo de musealização e na gestão de qualquer instituição que custodia objetos tridimensionais. Dessa maneira, o cruzamento dos dados pode ser realizado a partir de um inventário que inclua todos os registros internos e externos em uma constante atualização de dados.

Os acervos em museus e instituições semelhantes podem ampliar as funções dos seus acervos e justificar a preservação e custódia ao reconhecê-los

para além da atividade de exposição, considerando que são testemunhos de uma cultura, memória de um passado e suportes com potenciais de informações que permitem a produção ilimitada de conhecimentos. Este artigo pode ser utilizado como referência a ser seguido no próprio NUPPO e em instituições similares em virtude da demonstração da potencialização dos objetos tridimensionais.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Bruno Melo de. **Entre objetos e instituições: trajetória e constituição dos conjuntos de objetos de C&T das Engenharias em Pernambuco**. 2018. 332 f. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.
- BRIET, Suzanne. **O que é a documentação**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2016. E-book.
- BRULON, Bruno. Passagens da museologia: a musealização como caminho. **Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 18 -210, 2018. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/72>
2. Acesso em: 20 jan. 2020.
- BUCKLAND, Michael. Information as Thing. **Journal of American Society for Information Science**, September, v. 42, n. 5, p. 804-809, 1991. Disponível em: <http://rfrost.people.si.umich.edu/courses/SI110/readings/misc/Buckland.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2018.
- BUCKLAND, Michael. What is a document? **Journal of American Society for Information Science**, September, v. 48, n. 9, p. 804-809, 1997. Disponível em: <http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/whatdoc.html>. Acesso em: 30 jun. 2018.
- FERREZ, Helena Dodd. Documentação Museológica: teoria para uma Boa Prática. *In: FÓRUM DE MUSEUS DO NORDESTE*, 4., 1991, Recife. **Anais [...]**. Recife, 1991. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/38689114/Documentacao-Museologica-Helena-Dodd-Ferrez>. Acesso em: 05 jan. 2019.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 13 reimp. Rio de Janeiro: LTC, 2008. Disponível em:

https://monoskop.org/images/3/39/Geertz_Clifford_A_interpretacao_das_culturas.pdf. Acesso em: 18 nov. 2019.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUM (ICOM). Comitê Nacional Português. Comitê Brasileiro. **Código Deontológico do ICOM para Museus**. Versão lusófona, 2011. Disponível em: http://www.icom.org.br/?page_id=30. Acesso em: 13 jan. 2021.

JESUS, Priscila Maria de. Uma reflexão sobre o processo de musealização: o patrimônio imaterial nos espaços museais. **Cadernos de Sociomuseologia**, [S.l.], v. 48, n. 4, p. 95-110, jul. 2014. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/463>. Acesso em: 10 dez. 2019.

LEITÃO, Débora Krischke; PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Tratar as coisas como fatos sociais: metamorfoses nos estudos sobre cultura material. **Mediações**, Londrina, v. 15, n. 2, p. 231-247, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/8237>. Acesso em: 23 jul. 2018.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museu, poder simbólico e diversidade cultural. **Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v. 3 n. 2, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus>. Acesso em: 16 dez. 2019.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. Notas sobre a construção do objeto musealizado como documento. **Anais do Museu Histórico Nacional**, Rio de Janeiro, v. 44, p. 91-106, 2012. Disponível em: <http://anaismhn.museus.gov.br/index.php/amhn/issue/view/54>. Acesso em: 25 maio 2020.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. A documentação museológica entre a arte e a ciência. *In*: GRANATO, Marcos; SANTOS, Claudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus (org.). Documentação em museus. Rio de Janeiro: MAST, 2008a.

LOUREIRO, José Mauro Matheus. A Documentação e suas diversas abordagens: esboço acerca da unidade museológica. *In*: GRANATO, Marcos; SANTOS, Claudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus (org.). Documentação em museus. Rio de Janeiro: MAST, 2008b.

MENEZES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A história, cativa da memória? Por um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, v. 34, p. 9-24, 1992.

MENEZES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Os paradoxos da Memória *In*: MIRANDA, Danilo Santos de (org). **Memória e Cultura**: a importância na formação cultural humana. São Paulo: SESC, 2007. p. 13-33.

MILLER, Daniell. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

NASCIMENTO JUNIOR, José do; CHAGAS, Mario. Museus e Política: Apontamento de uma Cartografia. **Caderno de diretrizes museológicas**. 2. ed. Brasília: Ministério da Cultura / IPHAN/ Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006.

OTLET, Paul. **Tratado de documentação**: o livro sobre o livro. Teoria e prática. Brasília: Briquet de Lemos, 2018. E-book.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução n. 06/1980 de 23 de janeiro de 1980**. Cria o Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular (NUPPO), e dá outras providências. João Pessoa: UFPB, 1980a.

POTENTIALITIES OF INFORMATION IN TRIDIMENSIONAL OBJECTS

ABSTRACT

Objective: Identify documents that potentiate with information Maria dos Bichos collection in the scope of the NUPPO collection. Many institutions that custodies material goods reduce their potential to the visual exposition, unknowing the potentialities in the transformation process in documents possible of transmitting knowledge. This way, it is questioned if it is possible to potentiate of information the tridimensional objects of popular culture, especially the ones that are part of Maria dos Bichos collection, which integrates the collection of the Nucleus in Research and Documentation of Popular Culture (NUPPO), based on possible other kinds of materiality existent in the own collection. **Methodology:** it is used as methodological procedure the survey of information sources about the approached theme, as well as the data collection supported in researches in the institution and in virtual environments. **Results:** photographs were localized and an interview which would certainly serve as instruments for the realization of diverse activities, like expositions and researches in general. **Conclusion:** Therefore, one of the actions that potentiate collections of tridimensional objects is the gathering of isolated and unknown information to associate it with other evidences that are related between them. This way, it improves meanings, significances and values, visualizes and brings life to the collection and the institution itself.

Descriptors: Tridimensional objects. Museum objects. Popular culture objects. Maria dos Bichos Collection.

POTENCIALIDADES DE LA INFORMACIÓN EN LOS OBJETOS TRIDIMENSIONALES

RESUMEN

Objetivo: Identificar los documentos que proporcionan información sobre la colección Maria dos Bichos en la colección NUPPO. Muchas instituciones que almacenan bienes materiales reducen su potencial a la exhibición visual, sin ser conscientes del potencial en el proceso de transformación en documentos que pueden transmitir conocimiento. Así, nos preguntamos si es posible potenciar la información de los objetos tridimensionales de la cultura popular, especialmente los que forman parte de la colección Maria dos Bichos, que integra la colección del NUPPO (Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular) a partir de otros posibles tipos de materialidad existentes en la propia colección. **Metodología:** Se utilizó como procedimiento metodológico el relevamiento de fuentes informativas sobre el tema abordado, así como la recolección de datos apoyada en la investigación en la institución y en ambientes virtuales. **Resultados:** localizamos fotografías y una entrevista que seguramente servirán como instrumentos para la realización de diversas actividades como exposiciones, e investigación en general. **Conclusión:** Por lo tanto, una de las acciones que potencian las colecciones de objetos tridimensionales, es la recopilación de información aislada y desconocida para asociarla con otras evidencias que se relacionan entre sí, y así, ampliar los sentidos, significados y valores, hacer visible, dar vida a la colección y a la propia institución.

Descriptor: Objetos tridimensionales. Objetos de museo. Objetos de la cultura popular. Colección Maria dos Bichos.

Recebido em: 14.05.2021

Aceito em: 27.03.2022